

ILÍADA, UM TERRENO DE GLÓRIA

Un poema épico, de expresión fundamentalmente masculina y militar, como la *Iliada*, sitúa la noción de gloria entre los principios sólidos que alimentan el ánimo guerrero y que estimulan la valentía al servicio de su propia salvación y la de los suyos. Alcanzarla exige esfuerzo y solidaridad, y, al mismo tiempo, produce enormes compensaciones; por la gloria, el ser humano conquista la consideración de quienes lo rodean y, sobre todo, es así como sobrepasa su propia transitoriedad. Es éste el premio supremo que la *Iliada* presagia para la excelencia de sus héroes.

Significativos son los vocablos que a ello se refieren: κῦδος, εὐχος y κλέος, un núcleo terminológico particularmente expresivo y digno de atención. Sin que en momento alguno una indefinición o superposición de significado los acerque, parece, sin embargo, distinguirlos una aplicación diferenciada y sugestiva de los diversos sentidos del concepto.

An epic poem, expressed as a masculine and military celebration, as the *Iliad* is, must put the idea of glory in the level of principles that bread the warrior's soul, that encourage him in the effort to save his own and his companions' lives. Then glory is an ideal that needs effort and solidarity, which distinguishes the best men as superior by their arete and touched by divine help, and that represents for those who obtain it the greatest compensation; by glory, the human being obtains the respect of his contemporaries, and at the same time he escapes from his ephemeral nature and insignificance to win a bright and paradigmatic immortality. This is the supreme distinction admitted by the *Iliad* for the excellence of its heroes.

Impressive are the words that express it within several contexts: κῦδος, εὐχος y κλέος form a particularly suggestive vocabulary. Even if sometimes some uncertainty or superposition of sense makes difficult to distinguish between them, it is certain that a different application exists.

PALABRAS CLAVE: κῦδος, εὐχος, κλέος, αἰδώς, φιλία, código de honra.

KEY-WORDS: κῦδος, εὐχος, κλέος, αἰδώς, φιλία, code of honor.

Κῦδος é o vocábulo que mais se prende com a dinâmica da guerra, com o combate ao vivo, que implica a intervenção activa do guerreiro como factor promotor de sucesso e de uma glória imediata¹; logo κυδιάνειρα 'gerador de glória' é um epíteto próprio e convencionalmente repetido do campo de batalha

¹ O. Taplin, *Homeric soundings. The shaping of the Iliad*, Oxford, reimpr. 1995), 166, comenta como, para além de um código de honra que orienta o guerreiro, a motivação para arriscar a vida está sujeita a uma decisão constante. Não se trata de um heroísmo involuntário ou inconsciente, mas da necessidade de, em cada situação de perigo, o combatente fazer a sua escolha entre o dever e o terror. O processo é, portanto, dinâmico, e nunca meramente convencional.

(6. 124, 12. 325, 13. 270, 24. 391); como *κυδάλιμος* (4. 177, 17. 378) é um qualificativo que traduz a distinção de um combatente. Conseguir o sucesso que *κῦδος* exprime depende, antes de mais, das qualidades pessoais de cada guerreiro e do empenho que coloca no exercício do seu papel. Heitor, que procura um espia voluntário entre os seus, proclama o recorte daquele a quem cabe uma glória por todos reconhecida: assumir uma missão de particular risco – a de penetrar, sozinho, no campo inimigo – é um acto que será premiado com troféus generosos, mas sobretudo com uma inestimável apropriação da glória (*κῦδος ἀρεῖν*, 10. 307). Esta é uma glória imediata, que estimula a acção e equivale ao prazer do sucesso que se segue a um acto coroado de êxito; saboreia-a o que cumpriu bem o seu papel, adicionando-lhe o reconhecimento dos companheiros. Se a determinação de um voluntário pode ser aliciada com seduções materiais para além de *κῦδος*, o estímulo à acção e o júbilo pelo dever cumprido, quando se trata de um herói de excelência, vêm-lhe principalmente do potencial de uma alma magnânima; é a esperança que anima *Ájax* na conquista da glória (*ἔέλπετο κῦδος ἀρέσθαι*, 12. 407); como, em grau superior, *Aquiles* se deixa envolver pelo ardor do combate (*ἔετο κῦδος ἀρέσθαι*, 20. 502-503), ou se deixa mesmo tomar por uma espécie de delírio ardente na perseguição do inimigo (*μενέαινε δὲ κῦδος ἀρέσθαι*, 21. 543). A um herói, a quem a idade e o prestígio ganhos à custa de muitas proezas garantem o respeito e a consideração gerais, esta glória pode estar de antemão garantida e funcionar como uma credencial que faz dele o preferido para uma missão de importância; é este o papel que os *Aqueus* reconhecem ao velho *Nestor*, que para eles é *μέγα κῦδος Ἀχαιῶν* (11. 511), apesar da incapacidade a que a velhice o reduz perante o esforço do combate. Mas glorioso é também aquele que, apesar de jovem e no gozo pleno das suas capacidades, acumulou já um potencial de credibilidade e conseguiu impor-se ao reconhecimento geral como paradigma de uma certa qualidade de excelência. Assim, mesmo fora das competições com que homenageia a memória de *Pátroclo*, *Aquiles* de pés velozes será sempre reconhecido como o campeão imbatível da corrida; a aceitação desse mérito é consensual e incontroversa, quando apregoada pelo jovem *Antíloco* (*κύδηεν δὲ ποδώκεα Πηλεΐωνα*, 23. 793). *Aquiles* recebe o cumprimento, que compensa até com um pequeno presente simbólico da sua simpatia. Do lado troiano, Heitor detém um prestígio equivalente ganho à custa de muita valentia, mas também de uma sensatez que fez dele, apesar de jovem, o protector do seu povo. De todos os seus concidadãos, o filho de *Príamo* recebia a saudação própria dos imortais, em sinal do respeito devido à imensa glória que detinha (*μέγα κῦδος*, 22. 434-436). A glória posta ao serviço da comunidade não é apenas um bem pessoal, mas afecta o interesse geral.

Para além das potencialidades pessoais, a dinâmica do sucesso depende da rede de cooperações que multiplicam, até um extremo de eficácia, os resultados a obter. Em roda do herói, no plano humano como no divino, actuam outros

agentes que com ele interferem e o ajudam a promover e a testar os seus dotes naturais. Colocam-se em primeira linha, neste papel, os companheiros de armas, seus subordinados ou seus pares, cujo uniformidade de interesses estabelece uma linha paralela de concertação. Antes de mais, a glória de um comandante depende dos resultados obtidos pelos seus homens. Ao redimensionamento da glória, que resulta de um empenho colectivo de efeitos mais amplos, acrescenta-se no entanto o factor contingência quando a aposta jogada é mais forte, porque uma parte da eficácia sai das mãos do herói para passar a depender dos que com ele colaboram. Mas, na verdade, risco maior, maior glória. É assim que Diomedes avalia a condição de um chefe supremo como Agamémnon, na guerra, e justifica as palavras de incentivo, mesmo se em tom crítico, que dirige aos homens sob seu comando. Na verdade ao Atrida, em absoluta simetria, caberá a vitória (τούτῳ μὲν γὰρ κῦδος ἄμ' ἔψεται, 4. 415) se os seus homens realizarem o objectivo final da conquista de Tróia; ou a derrota e o sofrimento, se o não conseguirem (τούτῳδ' αὖ μέγα πένθος, 4. 417).

Se a colaboração se estabelecer entre pares, principalmente se unidos por uma conviência total como a que existe entre Aquiles e Pátroclo, a glória e a honra a obter partilham-se como um vínculo a mais na união de duas almas gémeas. Ausente do combate, em consequência de brios feridos, o Pelida mais do que consente, perante a insistência do amigo, na sua partida para o campo de batalha. Delega nele, como num procurador de confiança, a conquista de uma glória que recairá sobre o próprio Pelida, acompanhada daquele reconhecimento colectivo cuja falta tanto irritou o soberano da Ftia (μοι τιμὴν μεγάλην καὶ κῦδος ἄρῃαι, 16. 84); através do companheiro, quem sabe Aquiles poderá mesmo recuperar o γέρας, para além do reconhecimento negado pelos Aqueus. A partilha e a colaboração não anulam, contudo, a hierarquização dos heróis; para além da conviência até onde ela é possível, persiste a diferença, pelo que há certas façanhas, de ousadia máxima, que não devem ser tentadas se não por aqueles que para elas têm qualidade suficiente. A delegação de Aquiles tem, por isso, os seus limites, mesmo se amplos; junto das naus, onde o combate é aceso e difícil, Pátroclo poderá substituí-lo; já não no risco derradeiro, o avanço até à cidadela inimiga. Essa é uma façanha que lhe está vedada, antes de mais porque significa, para com o mais valente dos Aqueus —o próprio Aquiles— uma espécie de concorrência inconveniente (ἀτιμότερον δέ με θήσεις, 16. 90), para além da ameaça que representa para o próprio combatente, tomado pela alucinação da batalha. Mais do que prudentes, os avisos do Pelida tinham o tom da profecia. De facto, depois que Pátroclo cumpriu, com os funestos resultados que esta conversa entre os dois guerreiros deixava prever, o seu destino, coube finalmente a Aquiles a investida contra a cidadela de Tróia na pessoa do seu principal defensor, Heitor filho de Priamo. Nesse duelo de excelência, onde os dois *aristoi* se enfrentavam, Aquiles quis assumir, sozinho e por inteiro, perigos e glória. Com um sinal aos seus homens, proibiu-os de alvejarem Heitor não vá

que “um outro o atingisse e recolhesse daí a glória, colocando-o, a ele, em segundo lugar” (22. 205-207). Com os actos, o filho de Tétis dava às palavras da véspera um sentido de coerência.

Mesmo que involuntariamente, os inimigos são também colaboradores na construção do prestígio do herói. Quanto maior for o seu denodo e potência, mais glorioso se tornará derrotá-los. É este um dos argumentos com que Ulisses pretende demover a renitência de Aquiles no regresso do combate. Para além de todos os outros motivos que importa considerar, que imensa glória não caberá ao adversário de Heitor, sobretudo num momento de raiva e convencido de não ter entre os Aqueus um adversário à sua altura (9. 302-306)! A evidência da situação dá razão ao argumento; afinal os últimos combates mostraram a debilidade grega face a um adversário inquebrantável como o filho de Príamo. Para além da qualidade intrínseca do Pelida, o rei de Ítaca rasga-lhe na frente o sentido da oportunidade, inestimável colaboradora do sucesso ela também.

Logo o poema amontoa os quadros de guerra onde Heitor acumula glória, face a inimigos que, mesmo se não à sua altura, lhe oferecem apesar de tudo uma oposição condigna e ‘lhe proporcionam uma glória suprema’ (Ἐκτορικῦδος ὑπέρτερον ἐγγυάλιξε, 15. 644). Com o regresso de Pátroclo ao combate, a luta colectiva vive as suas horas de maior violência. De ambos os lados, os ânimos e as forças incendeiam-se, abrindo entre as hostes uma disputa acesa pela conquista de uma glória que se faz de empenho e das brechas abertas no campo adversário. Matar Pátroclo traduziu em benefício claro para o campo troiano o resultado desta arremetida. Mas capturar-lhe o cadáver corresponderia a obter, dessa mesma vitória, um troféu simbólico, que arrastado para Ílion traria aos seus executores um tremendo sucesso (17. 286-287, 419). Com denodo equivalente, os Aqueus desdobram-se em esforços para impedir esta satisfação ao adversário. E a sorte das armas oscila, no que é, ao vivo, a flutuação desafiadora dos resultados de um combate. Os Aqueus, estimulados, jogam também os seus méritos e fazem recuar os inimigos na direcção das suas muralhas. Esse retrocesso, que denuncia debilidade e cobardia, deixa campo aberto a um lampejo de sucesso adversário (17. 319-321). Cobardia e glória, como os dois lados de uma mesma moeda, confrontam-se em mais uma etapa de uma luta, em que a própria instabilidade dos resultados exprime o equilíbrio das forças. A fuga deve, porém, ser excluída como simples contingência dos azares do combate. Se o mérito parece querer escapar-se para as mãos do adversário, há pelo menos um recurso extremo para salvar a glória, não já aquela que galardoa o êxito de um guerreiro activo, mas uma outra que perdura para além da morte, aceite e desejada como remédio para o opróbrio (εὐκλεές, cf. 17. 415-419). Porque a glória é um bem elevado que justifica decisões extremas e se não compadece com cedências cobardes, cujo único motivo é o vergonhoso salvar da pele.

Num ascendente climático, o poema prepara, depois do confronto reanimado e extremamente violento entre as duas hostes, o duelo final entre os dois guerreiros simbólicos da excelência máxima de cada campo. A luta é de morte, vencer significa aniquilar o adversário e tomar-lhe, como desejado troféu, os despojos; a glória a conquistar suprema. Um último conselho de prudência, vindo da boca experiente de Príamo (22. 57), para que Heitor acautelasse a vida e não entregasse, de barato, uma ‘grande glória’ ao Pelida, não bastou para evitar a fatalidade prevista; os pergaminhos do herói troiano, somados à vontade do destino, assim o exigiam. Com dois epítetos bem proporcionados, o autor da *Iliada* traçava, em síntese, o resultado do confronto: “Grande foi a glória que conquistámos; foi Heitor que liquidámos, o divino” (μέγα κῦδος ... Ἑκτορα δῖον, 22. 393).

Mas acima do poder ou da vontade humanos, forças maiores manobram o destino, de cada acontecimento ou de cada homem, dispondo a seu bel prazer da vida ou da morte como do fracasso ou do sucesso de cada um. E a concessão do êxito inclui-se entre as prerrogativas divinas (cf. 5. 33). Essa é uma realidade que todos reconhecem e, por isso, cabe aos chefes, como condutores terrenos do destino dos homens, recordá-lo nas horas decisivas: assim Aquiles, no momento da partida de Pátroclo para o combate, roga a Zeus que o faça acompanhar da glória (16. 241); como Menelau, numa hora de desânimo, incentiva os seus melhores guerreiros, aqueles a quem Zeus “dispensa honra e glória” (ἐκ δὲ Διὸς τιμὴ καὶ κῦδος ὀπηδεῖ, 17. 251; cf. 15. 611-612). Dizer que um deus “impediu um guerreiro de conquistar a glória” (οὐδέ τ’ ἔασεν κῦδος ἀρέσθαι, 21. 596) converte-se numa espécie de fórmula expressiva de um golpe falhado, ou de estratégia mal sucedida (μέγα κῦδος ἀφείλετο, 22. 18). Pelo contrário o sucesso vem, de uma forma geral, atribuído à decisão ou propósito divino, ainda que consumado através da colaboração humana. Só em situações de enorme desespero, onde o desvario se apodera dos espíritos e a fúria dos braços, a presença divina parece ausente. Raros são os momentos, em toda a *Iliada*, onde o poeta regista esta ausência e faz impender todo o protagonismo do combate sobre o esforço dos guerreiros. A hora é climática, a luta em torno do cadáver de Pátroclo desesperada, Troianos e Aqueus disputando-se o troféu da sua glória. Por um momento, a vantagem parece favorecer os companheiros do herói, que se mostravam capazes de “conquistar a glória, independentemente do desejo de Zeus, pelo seu próprio vigor e força” (ὑπὲρ Διὸς αἴσαν κάρτει καὶ σθένει σφετέρῳ 17. 321-322); para logo uma intervenção de Apolo vir repor a ordem dos acontecimentos, de acordo com os desígnios olímpicos.

Para os deuses, a ordenação dos méritos humanos é uma prerrogativa que satisfaz, de modo totalmente arbitrário, desejos ou objectivos. Ora se trata de um desejo profundo do senhor do Olimpo, apostado em satisfazer o compromisso com Tétis, privilegiando Heitor para penalização dos Aqueus e reparação da ofensa

feita a Aquiles. Assim Zeus “deliberou conceder a Heitor a glória” (“Ἐκτορι γάρ οἱ θυμὸς ἐβούλετο κῦδος ὀρέξαι, 12. 174; cf. 15. 596, 602) e, para tal, favorece e coroa de sucesso a arremetida do filho de Príamo contra o muro defensivo construído pelo inimigo (κῦδος ὑπέρτερον Ἐκτορι δῶκε 12. 437). Do alto da sua autoridade, o pai dos deuses distribui a uns benesses, a outros fraqueza e derrota. Mas aos mortais não resta apenas aguardar, em esperança ou desespero, o aceno divino. Heitor conhece o supremo arbítrio, que “a uns dá a glória suprema” (ὅτέοισιν κῦδος ὑπέρτερον ἐγγυαλίξῃ), e “a outros enfraquece e recusa socorro” (ὄτινας μινύθη τε καὶ οὐκ ἐθέλησιν ἀμύνειν, 15. 491-492; cf. 15. 594-595). E porque a hora é de vantagem para os Troianos, Heitor dá o grito de ataque, colaborando, no aproveitamento da oportunidade, com a vontade divina. Parece haver, de resto, nesta cumplicidade entre os homens e as forças superiores que os comandam, uma ordem de vida ou de morte que condiciona a valentia. A consciência da sua efemeridade, que já de si distingue os heróis superiores, incentiva a coragem e a excelência; é a esta lucidez que Aquiles vai buscar força para preferir a glória à vida, afinal sempre breve e a prazo, pelo que não há sentido para poupá-la ou protegê-la de golpes, que a põem em risco, mas a enobrecem também (12. 322-328). Segundo regra semelhante actua Heitor (15. 611-613), a quem Zeus concede honra e glória (τίμα καὶ κύδαινε) porque está condenado a ter uma vida breve. Parece estabelecer-se, como regra aplicada aos melhores, a relação entre mérito e brevidade da vida. Com o sacrifício da juventude, que se viveu em pleno e com reconhecido mérito, conquista-se o supremo troféu da glória e da eternidade.

Mais activo e menos distante, como convém à superioridade absoluta do deus pai, Apolo desce ao campo de batalha, encabeça a hoste troiana e, à frente de Heitor, conduz o ataque. O grito divino, ao mesmo tempo que a égide do deus da luz se agita, tem o poder de um encantamento (ἔθελξε, 14. 322; cf. 15. 594-595) paralisante para os adversários; com esta aliança superior, aos Troianos e a Heitor é concedida a glória (κῦδος ὄπαζεν, 15. 327; cf. 16. 730). Tétis que, junto de Hefesto, lamenta o triste destino que Zeus Crónida reserva ao seu filho, não hesita em atribuir a Apolo, na vitória sobre Pátroclo, todo o mérito, esvaziando da sua quota de acção o herói troiano (18. 456): “Se Apolo o não tivesse morto ... na linha da frente e oferecido a glória a Heitor” (cf. 19. 414). Mas apesar de todo o mérito do filho de Príamo e da teia de alianças divinas em seu redor, nem sempre, mesmo em momentos cruciais, a glória se lhe mantém fiel. Com um Heitor que se encarniça em volta do cadáver de Pátroclo, na ânsia de o puxar para a cidadela e, com o despojo inimigo, chamar a si uma grande glória (18. 165), Íris trava um jogo de decepção. Estimulando a reacção inimiga, a deusa frustra uma vitória que parecia tão próxima.

Por fim, chegou para Aquiles a hora da reparação e da vingança. A sua *aristeia* está iminente e no lado inimigo o pavor espalha-se. Que especial mérito

detém Aquiles que faz dele o mais bem sucedido, como também o mais temido dos Aqueus? O vigor que detém ultrapassa, sem dúvida, o de todos os outros homens; mas em armas e na própria qualidade de mortal é semelhante a tantos outros. Distingue-o sobretudo a colaboração divina, que lhe é assegurada pelo senhor do Olimpo, Zeus Crónida (21. 566-570). A excelência humana, reforçada pelo poder divino, eis a combinação necessária à conquista da suprema glória. É esta parceria que lhe garante a tão desejada vitória sobre Heitor, o melhor dos combatentes inimigos e o assassino de Pátroclo. Atena, como procuradora de Zeus, coloca-se ao lado do Pelida e anuncia-lhe a hora fatal para o adversário. Mas clara como nunca, das palavras da deusa fica a ideia de uma partilha, de esforços e de glória, entre homens e imortais; um expressivo dual valoriza a confluência de esforços: “Destá vez julgo que nos cabe a ambos (νῶ), ilustre Aquiles caro a Zeus, levar para as naus dos Aqueus uma grande glória, ao liquidarmos Heitor” (22. 216-218).

Εὐχος é uma palavra que traduz o objecto ou o motivo de uma prece. Parece, por isso mesmo, sobretudo relacionada com a ideia de dádiva ou concessão, onde cabe a quem suplica um papel mais passivo, de receptor de uma benesse concedida generosamente por outrem. Na sua aplicação à glória, obtida no combate, εὐχος cabe melhor num contexto em que se saliente, mais do que a intervenção activa do guerreiro vencedor, a cedência do adversário ou a concessão de uma divindade. Um inimigo que se mata ‘oferece’ ao seu matador a glória (εὐχος διδῶναι, 11. 445, 16. 625), sendo διδῶναι o verbo certo para traduzir o carácter de oferenda que o mérito neste caso reveste; ao vencedor quem sucumbe entrega a glória, como a Hades o sopro vital. Numa disputa de morte, cada parte avalia a quem caberá depositar nas mãos adversárias o troféu da vitória: “Se seremos nós a conceder a vitória a outro, ou outro a nós” (ἢ ἔ τῳ εὐχος ὀρέξομεν, ἢ ἔ τῆς ἡμῖν 12. 328, 13. 327). Mas naturalmente a generosidade, que determina vida e glória ou morte e esquecimento, será antes de mais uma prerrogativa divina. A concessão simples da glória –εὐχος διδῶναι ou ὀρέξαι– é uma fórmula repetidamente alusiva à conquista do sucesso obtida por um combatente (11. 288-289, 16. 725, 21. 297, 22. 130), que pode ampliar-se em dimensão se o bafejado der à oportunidade concedida pelos deuses o seu contributo (11. 289-290). O apoio colaborante dos deuses pode ter também uma expressão palpável, sob a forma de armas ou de cavalos velozes que funcionam como instrumentos quase mágicos de sucesso. Apiedado pelo sofrimento dos cavalos de Aquiles, Zeus recusa a Heitor, que já dispõe de armas que lhe garantem a glória (ἐπέυχεται, 17. 450), a glória acrescida de os capturar.

Εὐχος acompanha algumas vezes um momento de hesitação da parte do herói, que aguarda o desfecho da intervenção soberana dos deuses. Por isso lhe pode andar associado um vislumbre de cobardia. Paradigmático é o exemplo

que põe frente a frente Apolo e Posídon em divino combate. Constrangido perante a necessidade de combater contra o próprio tio, o deus da luz recua e cede ao adversário, em respeito pela hierarquia e pelo parentesco, a glória (21. 473). Mas pelo seu gesto generoso e humilde, Apolo recebe a censura de sua irmã Ártemis. Este é um gesto que não enobrece quem o pratica nem quem dele beneficia, porque a glória que assim se concede é vã. Logo a verdadeira glória não prescinde da actuação efectiva de quem a recebe, mesmo se a parte que cabe à acção, quando se trata de εὔχος parece menos vistosa ou decisiva.

Κλέος, por fim, exprime aquele tipo de fama de largo espectro que, para além do efeito imediato, ecoa ainda ao longo do tempo. O sentido que lhe cabe de ‘rumor, boato, história’ torna fluido o lado positivo ou negativo que traduções como ‘fama’ ou ‘reputação’ comportam. Κλέος tem, portanto, acima de toda a ambiguidade, o tom de um valor perene. A própria noção de sobrevivência no tempo valoriza o carácter paradigmático de κλέος; para o bem ou para o mal, a reputação influencia também as gerações futuras e tem um papel didáctico que estimula uma consciência de identidade social e colectiva.

Κλέος é, antes de mais, uma construção que cada herói realiza com os seus feitos de excelência. Ao lado das armas que lhe concretizam os golpes, o desejo de glória constitui o estímulo interior que dá ao guerreiro a determinação e o põe em actividade. É este o sentido que resulta da censura dirigida por Eneias a Pândaro, num momento de abatimento: “Que fizeste tu do teu arco, das tuas flechas aladas e da tua boa fama?” (5. 171-172). Um sentido de responsabilidade avulta desta repreensão, porque glória obriga a ser, em cada novo perigo, digno de si mesmo. Por isso o renome é frágil, está posto à prova em cada situação, pode ser disputado por outros, ansiosos de alterar a hierarquia que ordena os diversos companheiros de armas. Em volta do renome de alguém desdobram-se esforços de emulação (οὗ τις τοι ἐρίζεται, 5. 172), como também um coro de palavras em que cada um procura dar voz –verdadeira ou falsa– à concorrência: “Ninguém se gaba (εὕχεται) de ser melhor do que tu”. Κλέος é portanto um estímulo de efeitos multiplicativos, que põe em acção quem já a possui e, por emulação, aqueles que a reconhecem e a disputam. Dentro do código de honra militar, outros valores se articulam com a glória. Antes de mais αἰδώς, como uma espécie de contraponto colaborante com a glória: ‘vergonha’ exprime o sentido construtivo do temor da reprovação, do receio de fraquejar ou de merecer um título de cobardia. É um valor claramente colectivo, onde se preza, acima da segurança ou da salvação pessoal, o interesse comum e o respeito merecido dos companheiros; vai nesse sentido a recomendação de Ajax aos seus homens (15. 561-564; cf. 2. 119): “Vamos, sejam homens. Metam no vosso espírito o sentido da vergonha. Envergonhem-se uns perante os outros, nos combates ferozes. Quando aos guerreiros não falta o sentido da vergonha, são mais os que se salvam do que os que morrem. Pelo

contrário, se se puserem em fuga, nenhuma glória (κλέος) os premeia, nem também a salvação”. Trata-se, portanto, como diz Silk², de um valor que não é moral ou interior, nem corresponde a uma cultura de culpa, mas de vergonha.

Um chefe, sobretudo se distinto como Heitor, preza αἰδώς como um valor que se sobrepõe a todos os perigos. Diante da iminência do combate derradeiro contra Aquiles, o Troiano hesita, por perceber qual o risco extremo que enfrenta. Um monólogo interior, que patenteia o dilema que lhe dilacera o espírito, humaniza e enriquece a personalidade do filho de Príamo. Poupar ou acautelar a vida equivale a correr o risco de uma humilhação insustentável, entre os seus no imediato regresso a casa, ou entre os vindouros de uma forma mais duradoura. Resta portanto matar ou morrer, gloriosamente, às mãos de um adversário superior (εὐκλειῶς, 22. 108-110).

Como sempre, acima da vontade ou dos esforços humanos, está o superior desígnio divino, que estabelece, em cada momento, o destinatário da fama. Junto de Diomedes, Atena incendeia-lhe as qualidades naturais, as suas armas interiores –vigor e audácia (μένος καὶ θάρσος, 5. 2)– porque é chegada, por vontade da deusa, a hora da sua *aristeia*. Neste momento de acção, o herói patrocinado irá ocupar, entre os seus companheiros, um lugar de visibilidade (ἔκδηλος μετὰ πᾶσιν) e conquistar uma ‘glória distinta’ (κλέος· ἐσθλὸν ἄροιτο, 5. 3) que, para além do imediato, perdura. Este mesmo código avulta das palavras sensatas do velho Nestor que, em pleno conselho dos Aqueus, estimula um voluntário para uma missão de risco (10. 204-217). Trata-se de um espia, de coração valoroso, que ouse penetrar sozinho no campo inimigo e informar-se dos seus planos. Cumprida com êxito, esta missão garante a quem a ousar uma glória sonora e sobretudo extensa, em espaço e em tempo: “Grande será a sua glória, debaixo dos céus, entre toda a humanidade” (μέγα κέν οἱ ὑπουράνιον κλέος εἶη πάντας ἐπ’ ἀνθρώπους, 10. 212-213). Mas esta reputação merece igualmente prémios, isto é, a expressão evidente da gratidão e do aplauso dos que a reconhecem. Ofertas generosas, de todos os chefes que da missão beneficiam, pouco são, se comparadas com o dom supremo com que o tempo se encarregará de a galardoar: “Para todo o sempre, nos festins e nos banquetes, ele terá garantido o seu lugar” (10. 217).

À efectivação do direito à glória não é estranha a ideia de um comprovativo palpável que a materialize. A necessidade de um testemunho convém à ideia de missão cumprida com eficácia. Por isso os guerreiros se encarniçam em redor dos despojos, sobretudo se a vítima tiver uma reconhecida superioridade, que contagie o próprio mérito de quem a derrubou. A excelência de Pátroclo, apesar de ferido de morte, impõe-se a companheiros e a inimigos e justifica a disputa violenta em volta do seu cadáver. Por ter sido o primeiro a

² Homer. The Iliad, Cambridge 1987, 29.

atingir o companheiro de Aquiles, Euforbo reclama o direito à prova na recolha do corpo da sua vítima; assim lhe estará garantida “uma glória suprema” (κλέος ἐσθλόν, 17. 16) entre os Troianos. Em consonância com o mesmo objectivo, o próprio Heitor saqueia as armas de Pátroclo (17. 130-131). E para vencer a barreira de dificuldades que a reacção inimiga impõe, solicita dos companheiros uma colaboração activa e arriscada; com aquele que assumir a partilha dos riscos, Heitor está disposto a dividir também o saque e, com ele, o próprio mérito: “a glória serrá equivalente para ele e para mim” (17. 229-232).

A necessidade de uma prova que assegure o direito à glória responde à noção de mera aparência que por vezes parece suportar a reputação. Κλέος colhe então o sentido de um simples boato, assente numa ilusão, que a verdade dos factos tende a desmentir. Em qualquer momento, esta glória frágil se desmorona e despe, do dourado da fama, quem a usava como simples enfeite exterior. Qualquer hesitação, que possa assemelhar-se a cobardia, merece palavras de reprovação, sobretudo se registada num herói de excelência. Glauco não poupa o próprio Heitor, com palavras duras, num momento crucial em que o combate prossegue em volta do cadáver de Pátroclo (17. 142-143; cf. 17. 415): “Heitor, tens uma aparência notável, mas és bastante menos capaz, quanto posso ver, no campo de batalha. A verdade é que a tua reputação superior (κλέος ἐσθλόν) em nada se fundamenta, se te puseres em fuga”. Nem Príamo, a quem todos reconhecem o ascendente conseguido pela prudência e a sensatez que uma vida longa consagrou já, está isento de uma censura quando ousa, expondo-se a um risco máximo, vir ao campo inimigo solicitar a devolução do cadáver de Heitor (24. 201-202). Para Hécuba, que assiste impotente a uma decisão que julga suicida, Príamo está a pôr em perigo não só a vida, mas uma reputação que levou muitos anos a construir.

Acima de todas as fragilidades que constituem a moldura natural da condição humana, κλέος coloca-se como um troféu que promete aos verdadeiros heróis o supremo galardão: o da eternidade. Conquistá-lo pode significar exercer o direito a uma derradeira escolha, quando o preço estabelecido é a morte. É este o dilema que os deuses colocaram diante do Pelida, a mediocridade de uma longa vida, rotineira, pacífica, mas sem história, contra o fulgor de um trajecto, entre os homens, curto, mas coberto de glória (9. 410-416). O herói não hesita na escolha, o prémio era por demais aliciante, apesar do preço. O herói da Ftia que combate em Tróia tem o destino marcado; a iminência da morte, conhecida e aceite, só pode portanto estimular a ousadia, quando qualquer tentativa de salvação foi voluntariamente renegada (18. 120-121). A fúria que põe num combate de vingança é suicida, na medida em que não comporta qualquer preocupação de sobrevivência; a glória, essa, será compensadora. No campo oposto, Heitor, que se iguala em valor ao Pelida mas a quem a sorte destinou fazer-lhe frente como inimigo mortal, vive experiência

semelhante. Confrontado com uma morte próxima, o Troiano reconhece e aceita os superiores designios divinos. Mas alguma coisa de infinitamente sedutor lhe assiste ainda o direito de salvar (22. 304-305): “Não vou morrer sem resistência nem glória (ἀσπουδί γε καὶ ἀκλειῶς), nem sem cometer um feito, cujo relato se há-de impor às futuras gerações”. Para O. Taplin³ este é o maior testemunho de glória em todo o poema: aquele em que as esperanças que o herói alimenta de ultrapassar a morte não assentam na ideia de vitória, mas na forma mais digna de perder. O herói, como outros da sua estirpe, vive animado pela noção de que é, acima de tudo, a glória o que dá sentido à vida; o anonimato, mesmo se garantia de uma vida longa, não é digno de uma verdadeira *arete*. Nestes momentos os valentes são os primeiros a assumir-se como heróis e a primeira voz a entoar a sua própria gesta.

Os prantos que os *philoí* erguem em redor do herói que tombou na disputa pela glória são, por seu lado, o eco imediato de uma fama que nenhum tempo tem o poder de apagar. Cabe-lhes o registo de uma memória de que são testemunhas directas. Assim Andrómaca se apressa a cremar as vestes do saudoso Heitor, como um preito de pública homenagem, que consagre ao herói “a glória aos olhos de Troianos e de Troianas” (22. 513-514). Não menos expressivo foi, perante todos os Aqueus, o pranto dos cavalos de Aquiles, saudosos de um cocheiro, Pátroclo, cuja nobre glória a morte arrebatou (23. 279-284).

Para além dos heróis, actores dos feitos que se impõem à consideração dos homens, outros agentes existem capazes de tecer a reputação eterna dos valentes. Helena, como já foi notado⁴, tem nesta missão um papel exclusivo em toda a *Iliada*. Dentro do que é permitido à sua condição de mulher, arredada do combate e do terreno onde a fama se constrói, ela é, contudo, ao lado do poeta, uma artista da glória eterna. No gesto próprio de uma *arete* feminina, Helena borda um manto, tecido de preciosa púrpura. O seu registo é silencioso, meramente plástico, mas constitui um relato de glória (3. 125-128): “aí ela desenha as provas a que são submetidos os Troianos criadores de cavalos e os Aqueus de belas cnémides”. Num gesto de rotina, Helena, a causadora da guerra, exprime um sentido profundo da importância do testemunho e da memória. Logo, sobre a muralha, Helena será chamada a descrever, perante Príamo, cada guerreiro do exército aqueu que se aproxima (3. 182-242). Desta vez, usando a voz como um verdadeiro poeta, a rainha de Esparta elabora um catálogo dos heróis aqueus, aqueles que perante a muralha de Tróia ousam reclamar o símbolo de uma ofensa que sofreram: a esposa raptada e os tesouros subtraídos de Esparta. Cada momento, cada episódio, de um conflito

³ *Homeric soundings*, 242-243.

⁴ I. E. Holmberg, “Euripides’ *Helen*: most noble and most chaste”, *AJPh* 116, 1995, 26-28.

pãradigmãtico se manterã perenẽ diãnte das gerações futuras; celebrãdo pela fama, palpãvel nã materialidade de objectos õu mõnumentõs, õu entõãdo pãla voz doce dos poetas, o eco do heroísmo perdura.

Do roteiro da guerra, os grandes momentos vẽem-se revestidos da sonhada imortalidade. Antes de mais Áulide, onde um pressãgio enviado por Zeus traçava a sorte das armas e patrocinava os Aqueus com uma promessa de glória. É num momento de desistência, quando uma retirada parecia ameaçar o termo feliz de uma campanha promissora, que Ulisses relembra, diante das hostes aqueias, o pressãgio de Áulide (2. 303-329). Esse dia, que marcou o exército grego como uma referência inesquecível sobre o desfecho da guerra, marcou também a cultura grega num dos seus mitos mais célebres; por isso, as palavras com que o rei de Ítaca lhe celebra a importância –‘pressãgio longínquo, de efeito à distância, cuja celebridade jamais há-de perecer’ (ὄψιμον, ὀπιτέλεστον, ὅσου κλέος οὐ ποτ’ ὀλείται 2. 325)– têm uma abrangência que de longe ultrapassa o âmbito concreto do episódio da campanha.

Tal como a vitória sobre o inimigo pode ganhar, no imediato, uma nova força se comprovada por testemunhos materiais –as armas ou mesmo o cadáver do adversário–, um sentido idêntico da prova material é relevante para a preservação da glória ao longo dos tempos. Assim Heitor, consciente do significado extremo da guerra que se desenrola às portas da sua cidade, a avalia em termos de matar ou morrer. Para o vencedor, antevê uma glória equivalente à importância do seu feito; em contrapartida, para aquele que conseguir defrontar o próprio Heitor, o maior dos Troianos, a morte chegarã como uma marca de coragem e de ousadia, mesmo se vencido (7. 85-90), de modo que sepultado pelos seus nas margens do Helesponto, ele seja um objecto de eterna memória; “e há-de dizer-se, entre as gerações vindouras, quando uma nau bem guarnecida de remos cruzar o mar de tons de vinho: ‘Eis o túmulo de um homem morto um dia, de um herói liquidado pelo ilustre Heitor’.⁵” Dentro desta perspectiva, a morte e os indícios que a assinalam deixam de ser sinal de extinção, para se assumirem como marcas vivas de uma perenidade que o tempo não consegue apagar. Ao objecto em si aliam-se as palavras numa espécie de hino de celebração à excelência. Se, pelo contrário, o projecto elevado de um guerreiro não tiver concretização, à frustração imediata pode vir a juntar-se um eco de eterno opróbrio; assim o túmulo manterã viva uma reputação que não enobrece, antes preserva a marca negra do insucesso. É este o futuro que Agamémnon antevê para um Menelau ferido, se a morte o levar antes de ver consumada a vingança que o levou a Tróia. Então “entre os Troianos soberbos

⁵ A tradição épica situa nesta paisagem o túmulo do próprio Aquiles (24. 82-84); talvez fosse neste supremo inimigo que Heitor estivesse a pensar quando fez a sua observação; não quis o destino, no entanto, que fosse ele o matador de tão nobre adversário, mas antes a sua vítima.

alguém dirá, saltando sobre o túmulo do glorioso Menelau: ‘Possa Agamémnon sempre descarregar a sua ira da mesma forma, com o resultado que agora obteve com o seu exército de Aqueus –para nada!’” (4. 176-179).

Ao lado dos túmulos dos heróis destacados, as próprias muralhas constituem um testemunho de glória colectiva, como registo de um espaço onde se viveram horas de uma valentia modelar (7. 451, 458). Ou ainda as armas podem tornar-se o símbolo facilmente identificável de um guerreiro paradigmático, como “o escudo de Nestor, que uma fama que sobe até ao céu afirma ser de ouro maciço” (8. 192-193).

Mas mais eficazes do que qualquer outro testemunho são as palavras, aladas, frágeis, mas tocadas pelo sopro mágico da memória. Através da música e da poesia, a glória perdura e a memória prossegue, cumprindo a dupla missão de imortalizar o mérito e de educar o espírito das novas gerações. Assim Aquiles, junto à tenda, estimula e desafoga a alma entoando a gesta dos heróis (κλέα ἀνδρῶν, 9. 189). Como Fénix, ao tentar dobrar a funesta cólera do ilustre Aquiles, invoca a memória dos heróis de antanho, que souberam, no entanto, ceder: “Era já essa a atitude que nos ensinava a gesta dos heróis ... ainda me lembro de uma história bem antiga, que não é já de ontem” (9. 524-527). A celebridade de um herói passa também pelo registo que, dos seus antepassados, a poesia consagrou; logo a genealogia que enobrece e responsabiliza cada herói consta de um curriculum, de que os poetas são o registo natural; Eneias faz valer os seus méritos perante Aquiles com o orgulho de raça que distingue também o adversário (20. 203-204; cf. ainda 213-214): “Conhecemos a origem um do outro, sabemos quem são os nossos progenitores: basta ouvir os versos famosos dos mortais”. A própria Helena, vítima inocente de um destino infeliz, espera ao menos da imortalidade garantida pelos poetas alguma compensação (6. 357-358): “Zeus reservou-nos um destino infeliz, para sermos pelo menos mais tarde celebrados pelos cantores”. Mas se o objectivo dos heróis é conseguirem a glória, é o poeta e o seu público quem, em colaboração, decide o que incluir ou excluir da poesia. Logo a satisfação do propósito dos heróis é-lhes, a eles mesmos, estranha, porque prerrogativa das futuras gerações guiadas pela voz poderosa dos poetas.

Imbuído dessa enorme responsabilidade de dar aos heróis a glória e o eterno reconhecimento de que são dignos, o poeta ganha, também ele, o seu mérito próprio. A seu lado, como repositório infalível da fama, reina a Musa, por cujas graças o poeta ultrapassa, em apelo constante (1. 1, 2. 484-487, 11. 218-220, 16. 112-113), os limites mortais do seu engenho: “Porque vós sois deusas, presentes em todo o lado, e tudo sabeis; nós só ouvimos boatos (κλέος) e nada sabemos ...” (2. 485-486).

BIBLIOGRAFIA

- A. W. Adkins, "Homeric gods and the values of Homeric society", *JHS* 92, 1972, 1-19.
- A. W. H. Adkins, "Homeric values and Homeric society", *JHS* 91, 1971, 1-14.
- A. T. Edwards, "*Aristos Achaion*: Heroic death and dramatic structure in the *Iliad*", *QUCC* 17 (46), 1984, 61-80.
- I. E. Holmberg, "Euripides' *Helen*: most noble and most chaste", *AJPh* 116, 1995, 19-42.
- G. M. Ledbetter, "Achilles' self-address: *Iliad* 16. 7-19", *AJPh* 114, 1993, 481-491.
- E. Lévy, "*Arete, time, aidôs et némesis*: le modèle homérique", *Ktéma* 20, 1995, 177-211.
- A. A. Long, "Morals and values in Homer", *JHS* 90, 1970, 121-139.
- Ch. Mugler, "Valeur et médiocrité dans la perspective de l' *Iliade*", *Rph* 52, 1978, 254-263.
- J. C. Riedinger, "Les deux αἰδώς chez Homère", *RPh* 54, 1980, 62-79.
- W. Sale, "Achilles and Heroic values", *Arion* 2, 1963, 86-100.
- M. Scott, "*Aidos and nemesis*", *AC* 23, 1980, 13-36.
- M. S. Silk, *Homer. The Iliad*, Cambridge 1987.
- O. Taplin, *Homeric soundings. The shaping of the Iliad*, Oxford, reimpr. 1995.
- H. van Wees, "Kings in combat: battles and heroes in the *Iliad*", *CQ* 38, 1988, 1-24.